**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO-FACOM**

**GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**JOSÉ CAIRO GARRIDO NETO**

# GRITOS NO SILÊNCIO

UM SITE SOBRE A CRISE NO FUTEBOL BAIANO EM 1965 E 1966

**SALVADOR**

**2019**

**JOSÉ CAIRO GARRIDO NETO**

;

# GRITOS NO SILÊNCIO

## UM SITE SOBRE A CRISE DO FUTEBOL BAIANO EM 1965 E 1966

Memorial apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Natália Moura Pacheco Cortez

**Salvador**

**2019**

**JOSÉ CAIRO GARRIDO NETO**

# GRITOS NO SILÊNCIO

UM SITE SOBRE A CRISE DO FUTEBOL BAIANO EM 1965 E 1966

**Salvador**

**2019**

# AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, Adenólia, dona do melhor coração do mundo, que nunca, absolutamente nunca, desistiu de mim; mesmo nos piores momentos, ela esteva aqui, ao meu lado. Às minhas irmãs, Silvana e Susana, por todo apoio prestado durante a vida inteira;

À minha namorada, companheira, amiga, parceira de todas as horas, Lara. Sem você, seria impossível; O seu apoio foi fundamental

Ao meu companheiro de pesquisa, Luís Felipe Brito, pela parceria neste trabalho; me orgulho muito do produto que fizemos juntos

À nossa orientadora, professora Natália, que tornou este processo de final de curso algo mais leve, sem dúvidas

Agradeço aos meus amigos de curso, Juliana Rodrigues, Luana Silva, Heitor Oliveira e Marcos Maia pelo companheirismo e amizade durante todos esses anos

Aproveito também para agradecer aos pacientes e gentis editores que me ensinaram o pouco que sei sobre jornalismo e que, de alguma forma, sem dúvidas, com seus conselhos e ensinamentos, me ajudaram indiretamente neste trabalho

À Iloma Salles, a primeira pessoa que acreditou em mim no jornalismo (nunca esquecerei); a Nelson Luís, pela paciência com os meus erros de iniciante; ao querido mestre Luiz Teles, pela oportunidade de realizar o meu maior desejo na profissão que era trabalhar diretamente com esportes; a Daniel Dórea e Lucas Cunha, com quem trabalhei por mais tempo, pelos tantos e tantos ensinamentos

# RESUMO

Este memorial descritivo apresenta os processos de criação do site Gritos no Silêncio (http://gritos-no-silencio.webnode.com), que narra a crise que acometeu o futebol baiano entre 1964 e 1966, motivada pela agressão ao radialista Cleones da Costa Meireles; o ato foi atribuído ao presidente do Vitória na época, Ney Ferreira. O caso levou a um silenciamento da imprensa local ao futebol da Bahia. Por conta disso, os acontecimentos desse período não são claros. Para reconstituir essa história esquecida (sobretudo as finais de 1964, que não constam nos jornais), objetivo deste trabalho, houve um esforço de reunir pesquisa em jornais antigos, aliado a entrevistas com fontes que viveram o período. No site, há também uma linha temporal que narra os acontecimentos de 1964 até o final da crise, em 66.



**Palavras-chaves:** Futebol, Boicote, História Oral, Memória, Jornalismo Esportivo;

# LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**FBF** - FEDERAÇÃO BAIANA DE FUTEBOL

**IGHB** - INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA

**CND** - CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

**ABCD** - ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE CRONISTAS DESPORTIVOS

**DA** – DIÁRIOS ASSOCIADOS

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA1: Cléo é espancado.....13
FIGURA 2: Vinda do General Eloy a Salvador .....16
FIGURA 3: A pacificação do futebol baiano .....18
FIGURA 4: Página principal do Gritos no Silêncio .....20
FIGURA 5: Linha do tempo do Gritos no Silêncio .....20
FIGURA 6: Personagens do site Gritos no Silêncio ..... 21
FIGURA 7: Fichas das finais de 1964 no site Gritos no Silêncio..... 22
FIGURA 8: Fórum do site Gritos no silêncio .....22
FIGURA 9: Súmula da partida final do Campeonato Baiano de 1965..... 24
FIGURA 10: Comparativo de afluência Campeonatos Baiano de 1964 e 1965.....33

# SUMÁRIO

1- Introdução ..... 10
2- A crise do futebol baiano ..... 12
2.1 - Acirramento da crise ..... 15
3 - Gritos no Silêncio ..... 19
3.1. Em busca dos jornais ..... 23
4 - História oral e memórias de 1964 a 1966 ..... 26
4.1 Questão da memória ..... 29
4.2 Gritos no Silêncio e a oralidade secundária ..... 32
5- O papel da assessoria ..... 32
6 - Considerações finais ..... 35
7- Referências ..... 36
8 – Apêndices ..... 37

# 1. Introdução

O site Gritos no Silêncio (http://gritos-no-silencio.webnode.com) foi criado a partir de um esforço para recuperar a história dos Campeonatos Baianos de 1965 e 1966 (e as finais de 64), que não foram noticiados pela mídia tradicional de Salvador, em razão de um boicote da imprensa ao time do Vitória e ao futebol baiano em geral, de modo que notícias sobre os times foram omitidas dos jornais. Esse silêncio tem início com a agressão ao radialista Cleones da Costa Meireles, mais conhecido como Cléo Meireles, que foi brutalmente espancado por dois homens em novembro de 1964. A agressão foi atribuída ao presidente do Vitória, o deputado Ney Ferreira. Cléo foi agredido por causa de uma notícia publicada à época de que o jogador recém-contratado Tinho II, que veio de Ilhéus (cidade baiana localizada a 300 km de Salvador), estaria atuando de maneira irregular no Campeonato Baiano de 1964.

O site tem como objetivo eternizar informações que, devido ao tempo, e ao desgaste natural dos jornais, pudesse vir a se perder. Em especial, informações sobre o Campeonato Baiano de 1964, que foi totalmente esquecido pelos jornais a que tivemos acesso. O retrato desse esquecimento é a obra "A história do Ba-Vi"(1973), de Newton Calmon, que omite da história da competição os quatro confrontos entre abril e maio de 1965, válidos pelo Baiano de 64: o primeiro embate, válido pela final do segundo turno, foi vencido pelo Bahia, o que levou o Campeonato a uma decisão melhor de três partidas entre Bahia e Vitória. Na final, Vitória acabou se sagrando campeão.

O site Gritos de Silêncio ganha importância, também, porque o período conturbado que ele retrata é justamente o do primeiro bicampeonato baiano do Vitória, que, em decorrência do boicote por parte de jornais e rádios de Salvador, ninguém leu ou ouviu. Nossa missão, portanto, foi disponibilizar numa plataforma digital essas informações, que foram intencionalmente relegadas ao esquecimento pela imprensa da época, em forma de protesto contra o presidente do Vitória.

Em decorrência de uma série de fatores, que narrarei a seguir, o silêncio na imprensa durou quase dois anos, e só não teve efeitos maiores porque em junho 1965 o jornalista Luiz Eugênio Tarquínio criou o Esporte Jornal, uma espécie de semanário esportivo, que trouxe, contra toda a imprensa da época, as notícias do Campeonato Baiano de 1965 e 1966.

Mas não é à toa que o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso é voltado ao esporte. Afinal, em toda a minha vida como estudante de jornalismo sempre privilegiei, na faculdade ou fora dela, matérias de cunho esportivo. Minha vida nas redações começou no Toda Bahia, um site da capital especializado em política. Lá fiquei por seis meses. Na sequência, fui aprovado na seleção de estágio do Portal A Tarde, onde pude dar os meus primeiros passos no jornalismo esportivo. Pouco tempo depois, migrei para o impresso, por onde fiquei até o fim do meu contrato. Foi uma experiência muito boa estar em contato com um jornal tão grande, com a redação ainda lotada. Ainda, porque ela foi, pouco tempo depois, encurtada, num processo triste de demissões em massa.

Inicialmente, o meu projeto para o Trabalho de Conclusão de curso (TCC) consistia em um radiodocumentário sobre a história do Ypiranga, clube tradicional de Salvador: Os altos e baixos, o que houve para que o time, tão grande no passado, chegasse ao quase esquecimento nos dias atuais.

No entanto, fui convidado pelo meu colega de curso Luís Felipe Brito para ingressar, junto com ele, na difícil missão de recuperar a história esquecida desses Campeonatos Baianos não noticiados pela imprensa de Salvador. Em suas pesquisas para o museu do Esporte Clube Bahia, Luís percebeu esse hiato na história do futebol local. Nas suas pesquisas para o clube, que consistiam em recuperar os jogos do Bahia, ele não encontrou qualquer informação sobre os jogos de futebol do Campeonato Baiano neste período. Os jornais pesquisados por ele na época foram os mesmo que utilizamos para este Trabalho de Conclusão (A Tarde, e os já extintos Estado da Bahia, Diário de Notícias e Jornal da Bahia).

Curiosamente, ainda é possível encontrar nesses jornais menções ao Baiano de 64, já que o boicote começa apenas em abril de 65. Porém, em 66 o silenciamento é profundo, e não é possível encontrar informações sobre o que houve nos campeonatos nos jornais tradicionais. Porém, é possível encontrar diversas matérias sobre amistosos dos times locais, que faziam excursões recorrentes para fora do estado em busca de renda. O que nos fez pensar que o motivo daquele hiato, ainda desconhecido, pudesse ter ligação com algum problema com o Campeonato Baiano.

Desta forma, surgiu a dúvida sobre o que teria motivado esse desaparecimento do futebol baiano dos jornais. Durante esse período de pesquisas, muitas dúvidas surgiram para nós. A principal: por que os jornais omitiram das suas páginas o Campeonato Baiano e os

jogos do Esporte Clube Vitória? Essa dúvida perseguiu o nosso trabalho. Para nossa surpresa, desvendar os motivos pelos quais os campeonatos de 1965 e 1966 (além da final de 1964) não foram publicados na maioria dos jornais não foi um desafio tão difícil, visto que a agressão a Cléo foi extensamente documentada nos jornais. De longe, nossa maior dificuldade foi encontrar os relatos de jogos das finais do Campeonato Baiano de 1964. Adianto que não conseguimos encontrar as fichas completas das partidas, apenas partes delas, com exceção da finalíssima, mas que já são suficientes para trazer um pouco mais de materialidade para um período praticamente esquecido.

Para a conclusão do trabalho, tivemos que recorrer a três pessoas que viveram aquele período histórico, já que os jornais a que tivemos acesso não cobriram o Campeonato Baiano de 1964. Desse modo, as fontes nos ajudaram a reconstituir, por meio de suas memórias, parte dessa história. Foram eles o historiador Nelson Cadenas, 73, o jornalista Antônio Matos, 71, e o radialista José Ataíde, 85. As entrevistas, assim como as fotografias das reportagens de jornais da época, estão disponíveis no site Gritos no Silêncio.

Na sequência deste trabalho, narrarei como a história da crise ocorreu, do início ao fim. Posteriormente, virão as discussões sobre história oral e memória. Seguido de análise das entrevistas das fontes orais utilizadas para o trabalho, além da discussão sobre as oralidades de Pierre Lévy. No final, há apêndices com a linha do tempo (64-66) com os acontecimentos mais importantes que marcaram esse período.

## 2. A crise do futebol baiano entre 1964 e 1966

Como foi dito anteriormente, não foi difícil descobrir o motivo pelo qual o primeiro bicampeonato da história do Esporte Clube Vitória (1964-1965) não foi publicado nos jornais de maior circulação da Bahia na época. Logo nos primeiros momentos de pesquisa, encontramos o problema. Os quatro jornais principais (A Tarde, Estado da Bahia, Diário de Notícias e Jornal da Bahia) não noticiaram os títulos do Leão naqueles dois anos. Incluindo também nesse “voto de silêncio” as rádios Sociedade e Excelsior, que também participaram do boicote. Como mencionado anteriormente, apenas o Esporte Jornal “furou” a greve, mas já na metade 65, após a final do esquecido campeonato baiano de 1964.

O motivo da crise vivida pelos clubes baianos naquela época perpassa pela a história de um jovem jogador, vindo de Ilhéus, chamado Tinho, de apenas 17 anos. Atacante rápido, canhoto, que, pelos relatos da época, era um jogador talentoso. Por já ter no plantel um zagueiro de mesmo nome, logo ele foi chamado de Tinho II (segundo). Esse atleta foi contratado pelo Vitória sob indicação do deputado e dirigente Henrique Cardoso, conhecido como Henriquinho, junto à Seleção Ilheense, no dia 14 de agosto de 1964.

Henrique, de acordo com os jornais da época, pressionou o então treinador do Vitória, Ricardo Magalhães, a escalar Tinho II. O jovem acabou jogando, a contragosto do treinador, diante do São Cristóvão, pelo Campeonato Baiano, no empate por 0 a 0 - foi esse o motivo, inclusive, da demissão do treinador, que perdeu a disputa contra o dirigente (JORNAL A TARDE, 1964). Pouco depois, surgiu nos jornais a história de que Tinho II estava jogando de maneira irregular.

A história foi primeiro noticiada na Rádio Sociedade pelo radialista Cléo Meireles. Tempos depois, em novembro daquele 64, o radialista foi espancado na Barra, enquanto seguia de ônibus para a sua casa. Os jornais da época apontaram dois seguranças do Esporte Clube Vitória como suspeitos pelo crime (JORNAL DA BAHIA, 1964). Com o passar das investigações, o ato foi atribuído ao presidente Ney Ferreira.

Bahia Está Solidária Com a Crônica e Pede Punição Dos Agressores

Esporte Parou em Sinal de Protesto Contra Massacre de Cleo Meireles

Umas e Outras

Carlos LIBÓRIO

CLEO, AMIGO:

O presidente Walter Pessoa, da Federação Baiana de Futebol, divulgou, ontem, nota oficial "hipotecando irrestrita e ilimitada solidariedade ao radialista Cleo Meireles", covardemente agredido por um grupo de marginais, na noite da segunda feira e determinando ao mesmo tempo, em sinal de protesto pela atentado, a paralisação durante 24 horas da tôdas as atividades esportivas na Bahia.

A decisão da presidência da FBF veio se juntar dezenas de outras manifestações de protesto que vêm sendo levadas a público, por autoridades entidades, clubes e desportistas, todos condenando a bárbara massacre de que foi vítima o radialista Cleo Meireles que se encontra hospitalizado na quarta n. 410 do Hospital Português, onde continua recebendo grande número de visitas, desde as mais altas autoridades do Estado a populares que têm manifestado a sua solidariedade ao cronista agredido.

Comissão Para Sanear

Interêsses Subalternos e Indignos

Pediu Punição

Preto no Bra

NOSSA SOLIDERIADE

Jornal da Bahia

ESPORTIVO

SALVADOR, 4.ª FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 1964

Cronistas Unidos Pediram Punição

JORNALISTAS

APOIO

Valdemar Esclarece Decisão

Visitas Amenizam a Dor de Cleo

ABCD FICARA SESSÃO POR CIO

SANTOS ELIMINOU PALMEIRAS

Figura 1: Jornalista Cléo Meireles é agredido / Jornal da Bahia 14.11.1964

O fato gerou uma comoção na imprensa e no esporte soteropolitano em geral. A Associação Bahiana dos Cronistas Desportivos (ABCD) pediu a paralisação da competição em decorrência do ato. Embora Ney Ferreira tenha sido considerado o mandante da agressão ao jornalista, o dirigente negou, em sua autobiografia, intitulada “Pedaços de uma Vida” (1998), que tivesse sido ele o responsável pelo espancamento de Cléo.

De acordo com Ferreira, o imbróglio com Meireles começou após ele negar ao jornalista exclusividade para a publicação da notícia da venda dos títulos patrimoniais do Vitória. Por conta disso, o radialista teria iniciado uma campanha de chantagem contra o Rubro-Negro utilizando-se de uma possível irregularidade do jogador Tinho II. “O chantagista até que se habilitara a uma reprimenda, mas embora os indícios apontassem para mim como mandante, por tudo que mais prezo nesta existência, posso jurar que sou inocente” (1998, p.126).

Em outra passagem de seu livro, Ferreira (1998) afirma que o mandante do crime foi um dirigente de menor expressão dentro clube.

> Por ética e companheirismo, mas, sobretudo, por não sermos dedos-duros, permaneceu o autor fora de suspeita, inclusive pelo fato de não ser um diretor importante na agremiação. Apenas para os que lerem este livro deixo aqui registradas, em forma de charada, imune a qualquer consequência moral ou penal, as iniciais do desastrado diretor e autor daquela estúpida operação: A.A.F.C (Ferreira, 1998, p.127)

No dia 4 de janeiro de 1965, Ney Ferreira invadiu o prédio do Diários e Emissoras Associados (DA), conglomerado comunicacional de Assis Chateaubriand, em posse de um chicote e acompanhado de alguns amigos, incluindo o seu segurança Messias, atrás do jornalista Paulo Nacif (secretário) e do deputado Odorico Tavares (diretor), desafetos do mandatário rubro-negro. Os dois não estavam no prédio e escaparam ilesos do atentado (ESTADO DA BAHIA, 1964). Em sua biografia, Ney Ferreira (1998) assume a invasão após o DA ter insinuado que ele teria desviado o dinheiro da venda dos títulos patrimoniais do Vitória.

> Levando assim por um sentimento de revolta, invadi, por volta das quatorze horas, o edifício-sede dos Diários Associados, brandindo um açoite que arrebatara das mãos de um trabalhador do Mercado do Ouro, onde fora almoçar no Restaurante de Juarez, com uns amigos, aos quais pedi que indenizassem o pobre carroceiro. Naquele momento estava em companhia de Manoel Messias Leão, meu leal escudeiro. Ignorava que, antecipando-se à minha chegada, ali estivera o Dr. Francisco José Cardoso Bastos, anunciando em altos brados que estaria me dirigindo àquele lugar, o que provocou a fuga de Odorico e Nacif pelo fundo do prédio, causando-me assim uma frustrada oportunidade de exemplá-los a chicote. (Ferreira, 1998, p.113)

Ney era desafeto pessoal de Odorico e Nacif. No seu livro, Ferreira (1998, p. 112) diz ter escapado de uma tentativa de homicídio, em 1964, a mando do deputado Odorico Tavares, na mesma época do incidente que envolveu o jornalista Cléo Meireles. Ele, porém, conta que jamais conseguiu que a tentativa de homicídio fosse investigada e, por conseguinte, também não conseguiu provar que aquele crime tenha sido a mando de Odorico Tavares ou de Paulo Nacif. Na ocasião, Ney Ferreira foi baleado no pé.

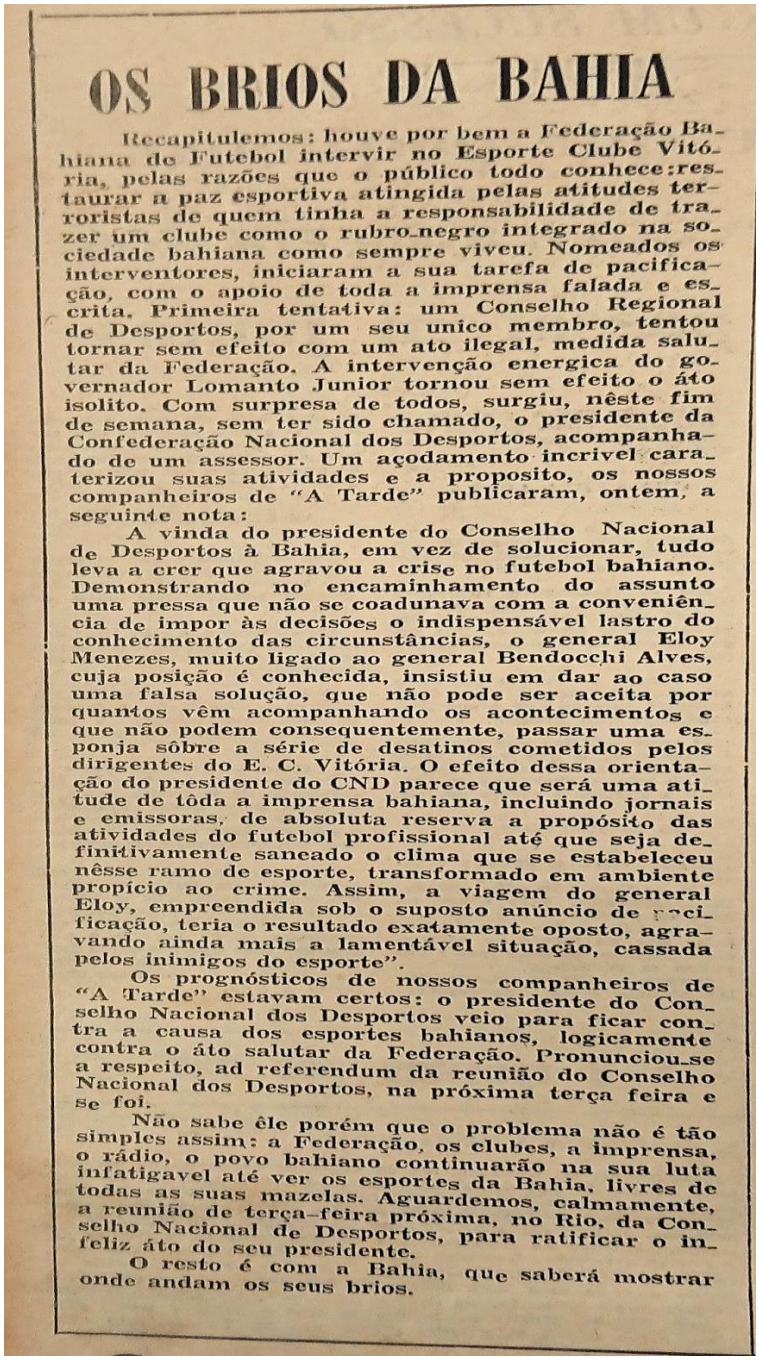
## 2. 1 Acirramento da crise

A invasão de Ferreira ganhou destaque nas páginas dos jornais da época, e reacendeu de vez a crise do futebol baiano (Jornal da Bahia, 1965). Nos meses subsequentes,

os times junto à Federação Bahiana de Futebol (FBF), o governador Lomanto Junior, até mesmo o general Eloy Menezes, presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND), tentaram resolver o problema que acometeu o futebol baiano.

Mas a situação só seria resolvida caso Ney Ferreira fosse afastado do cargo. Assim, a FBF nomeou interventores, afastou Ney, mas nada foi resolvido. Os interventores não conseguiram entrar no prédio da sede administrativa do Vitória, que estava sempre fechado. (Jornal da Bahia, 1965). Para piorar, Eloy Menezes ordenou que Ney Ferreira retornasse ao comando do Leão, em abril de 1965, revoltando a imprensa e dando início em definitivo à crise entre imprensa, federação e os times de futebol. A situação só seria resolvida um ano e seis meses depois.

Em meio a tudo isso, a FBF reinicia a competição, parada após a agressão a Cléo. Em meio a esse turbilhão de crise, quatro jogos decisivos foram realizados. O primeiro deles foi para decidir o campeão do segundo turno da competição, que terminou com o Bahia sendo vencedor. Desta forma, como o Rubro-Negro havia vencido o primeiro turno, o vencedor seria conhecido em uma disputada, melhor de três jogos, entre os dois. As partidas foram realizadas em 16, 23 e 30 de maio (Paulo Leandro, 2011, p. 163), com o Vitória sendo o campeão ao final delas. Porém, essas partidas não foram noticiadas pela imprensa, nem mesmo pelo Esporte Jornal, que ainda não tinha sido fundado.



# OS BRIOS DA BAHIA

Recapitulemos: houve por bem a Federação Bahiana de Futebol intervir no Esporte Clube Vitória, pelas razões que o público todo conhece: restaurar a paz esportiva atingida pelas atitudes terroristas de quem tinha a responsabilidade de trazer um clube como o rubro-negro integrado na sociedade bahiana como sempre viveu. Nomeados os interventores, iniciaram a sua tarefa de pacificação, com o apoio de toda a imprensa falada e escrita. Primeira tentativa: um Conselho Regional de Desportos, por um seu unico membro, tentou tornar sem efeito com um ato ilegal, medida salutar da Federação. A intervenção energica do governador Lomanto Junior tornou sem efeito o áto isolito. Com surpresa de todos, surgiu, nêste fim de semana, sem ter sido chamado, o presidente da Confederação Nacional dos Desportos, acompanhado de um assessor. Um açodamento incrivel caracterizou suas atividades e a proposito, os nossos companheiros de "A Tarde" publicaram, ontem, a seguinte nota:

A vinda do presidente do Conselho Nacional de Desportos à Bahia, em vez de solucionar, tudo leva a crer que agravou a crise no futebol bahiano. Demonstrando no encaminhamento do assunto uma pressa que não se coadunava com a conveniência de impor às decisões o indispensável lastro do conhecimento das circunstâncias, o general Eloy Menezes, muito ligado ao general Bendocchi Alves, cuja posição é conhecida, insistiu em dar ao caso uma falsa solução, que não pode ser aceita por quantos vêm acompanhando os acontecimentos e que não podem consequentemente, passar uma esponja sôbre a série de desatinos cometidos pelos dirigentes do E. C. Vitória. O efeito dessa orientação do presidente do CND parece que será uma atitude de tôda a imprensa bahiana, incluindo jornais e emissoras, de absoluta reserva a propósito das atividades do futebol profissional até que seja definitivamente saneado o clima que se estabeleceu nêsse ramo de esporte, transformado em ambiente propício ao crime. Assim, a viagem do general Eloy, empreendida sob o suposto anúncio de pacificação, teria o resultado exatamente oposto, agravando ainda mais a lamentável situação, cassada pelos inimigos do esporte".

Os prognósticos de nossos companheiros de "A Tarde" estavam certos: o presidente do Conselho Nacional dos Desportos veio para ficar contra a causa dos esportes bahianos, logicamente contra o áto salutar da Federação. Pronunciou-se a respeito, ad referendum da reunião do Conselho Nacional dos Desportos, na próxima terça feira e se foi.

Não sabe êle porém que o problema não é tão simples assim: a Federação, os clubes, a imprensa, o rádio, o povo bahiano continuarão na sua luta infatigavel até ver os esportes da Bahia, livres de todas as suas mazelas. Aguardemos, calmamente, a reunião de terça-feira próxima, no Rio, da Conselho Nacional de Desportos, para ratificar o infeliz áto do seu presidente.

O resto é com a Bahia, que saberá mostrar onde andam os seus brios.

Figura 2: resumo da vinda de Eloy Menezes a Salvador / Jornal da Bahia

O tempo passou sem que a situação fosse resolvida. Após o título do Vitória, o Esporte Jornal foi criado, em junho de 1965, por Luiz Eugênio Tarquínio, a fim de solucionar a "crise do futebol". O Esporte Jornal foi o único veículo que cobriu o título do bicampeonato, feito histórico por ser o primeiro do Vitória até então. O jornalista e pesquisador Paulo Leandro (2011) reflete sobre a importância do semanário de Luiz Eugênio.

> O Vitória sofreu boicote por parte da grande mídia esportiva impressa, em razão do espancamento de um radialista, atribuída à diretoria do clube.

> Nenhum veículo impresso, exceto o Esporte Jornal, noticiou o título do Vitória, em um fato raro ou talvez inédito no mundo, em se tratando de um grande clube, capaz de mobilizar multidões e gerar um mercado rentável. (Leandro, 2011, p.49)

Enquanto o Esporte Jornal noticiava o Baiano, os outros veículos se ocuparam de publicar notícias sobre os campeonatos do Sudeste, competições de vôlei, basquete, entre outros. E assim a situação se manteve, até que em 21 de novembro de 1966 , após muitas tentativas de pacificação, a paz volta ao futebol baiano com a renúncia de Ney Ferreira, presidente do Vitória, e de Degrimaldo Miranda, aliado e presidente da FBF (Esporte Jornal, 1966).

Curiosamente, enquanto o Esporte Jornal anunciava o fim da crise do futebol baiano, os outros veículos impressos da capital nada disseram. O retorno do Vitória aos jornais tradicionais foi abrupto, discreto e sem avisos.

21/11/1966 ESPORTE JORNAL 7

# Esporte Jornal foi o primeiro a noticiar a paz no futebol baiano

- O que o público quer saber
- Razões das desistências de alguns presidentes

"PAZ NO FUTEBOL VIRÁ COM REABERTURA DA FONTE NOVA". Foi com esta manchete que o último exemplar do ESPORTE JORNAL circulou na semana passada, dando um sugestivo furo de reportagem da última 2ª feira. Realmente, na 5ª feira, após uma série de reuniões, tôda a imprensa baiana anunciava o armistício. Com o crédito desta informação, é que hoje, reaparecemos ante os nossos leitores, para focalizar as principais bôdas clubísticas da Bahia, porque na realidade, antes mesmo de se cogitar a pacificação, todos sabiam que o Sr. Nei Ferreira estava em vias de deixar o Esporte Clube Vitória, após dirigir por muito tempo, e com brilhantismo o clube rubro negro.

Quando se fala em Vitória, surge o seu mais temível rival, é justamente o clube que com ela divide não só a torcida popular, como e principalmente o noticiário esportivo, o Esporte Clube Bahia. De Triogo também já se sabia da vontade do seu presidente, Sr. Osório Vilas Boas, em deixar o clube bem de ano. Quer dizer, quer não, são as eleições mais discutidas nas rodas esportivas da cidade. Não foi realmente pacífico, que forçou uma decisão no Vitória ou no Bahia. Foi sim, o cansaço natural daqueles que durante anos, estiveram empenhados num trabalho árduo, e sobretudo digno de aplausos. Hoje, ESPORTE JORNAL dedica suas páginas a êste assunto,



Ney Ferreira

porque na realidade, êle será daqui por diante o principal em nossas lides esportivas.

**ESPORTE CLUBE VITORIA**

Nei Ferreira marcou uma época no Vitória. Combatido e elogiado, o presidente rubro negro tem a seu crédito grandes obras e grandes feitos. Rapaz moço, foi guindado ao mais alto posto dos Leões da Barra, e numa revolução cheia de triunfos, conseguiu transformar um Vitória de tradições, num Vitória que a sua torcida sempre desejou. Logo no início de sua gestão, procurou criar um patrimônio para o clube, e isto conseguiu em larga escala. Hoje, ninguem esconde que o Vitória além de sua tradição, tem um dos maiores acervos patrimoniais de todo o Brasil. Isto feito, partiu para a quebra de um "tabu", e só Deus e êle sabe como o conseguiu. Jamais, o Vitória conquistara um campeonato como o de 1963. Foi contra tudo e todos, que o rubro negro ganhou luta titânica, presenteou a sua torcida com um grande título.

Para 1964, o Vitória reservava para a sua torcida, um outro título, inédito por sinal, em sus vida esportiva. Bi Campeão Baiano. Isto é um pouco da grande história, que poderia ser contada sôbre Nei Ferreira. Travou com a imprensa da Bahia, uma luta sem precedentes nos anais de futebol brasileiro, talvez que mundial. Hoje, forçado por motivos de ordem particular e político, terá que deixar o rubro negro. Deixará se quiser, porque reune na família rubro negra uma sólida base, e se partir para uma reeleição, terá unanimidade de todos. Mas, Nei vai ter que sair. Para o seu lugar, existem muitos candidatos, porém, poucos reunem qualidades para continuar a sua grande obra. Foi com cuidado, e amortecido com lenção de animos, que a reportagem do ESPORTE JORNAL procurou ouvir e apresentar os homens que têm condições para a presidência do Esporte Clube Vitória.

**PERICLES GANDUR DACACHE**

Este moço, foi um colaborador eficiente de Nei Ferreira, em



Osório



Luiz Catarino

hora das mais difíceis para o presidente rubro negro. Apesar de anônimamente vir auxiliando o Vitória desde 1957, foi somente quando Nei travava com a imprensa o seu duelo, e poucos formavam ao lado do mesmo, que Pericles Dacache cerrou fileiras ao lado do presidente. Gozando de excelente conceito não só pessoal como esportivo, tem merecido de todos muitos elogios, porque realmente equilíbrio e condições não lhe faltam para ser o substituto de Nei Ferreira. Dizem que goza de muito prestígio junto ao presidente do Vitória, e por isto mesmo, poderá sair candidato de situação, muito embora seja difícil aceitar o cargo, diante dos seus afazeres particulares. Não gosta de nome em Jornal, e foge sempre da imprensa, quando solicitado. Sòmente mesmo numa festa — (como a da foto acima, quando o Vitória conquistou o bi campeonato) — Pericles Dacache foi flagrado pela reportagem do ESPORTE JORNAL.

**LUIZ CATHARINO GORDILHO**

Da extinta "velha guarda" do Vitória, foi dos poucos, que esteve ao lado de Nei Ferreira e do Vitória, sem olhar nomes e sim o seu clube. Já foi dirigente, e dos mais atuantes, tendo acesso em tôdas as áreas do clube, e gozando de simpatia e admiração de todos. Luiz Catharino Gordilho tem o seu passado de glórias no Vitória, o que lhe credencia para assumir a presidência do rubro negro. Seu conceito pessoal e esportivo é conhecido de tôda a Bahia

Quando do aparecimento do seu nome para as próximas eleições no Dezano, de logo várias adesões lhe foram dadas, destacando-se a do próprio Nei Ferreira.

**ALBINO CASTRO**

Surge como o mais identificado junto à torcida rubro negra, porque apareceu no esporte, justamente na gestão Nei Ferreira. A sua simpatia contagia a todos, e foi também colaborador dos mais atuantes na gestão daquele que o lançou no esporte. Homem sério, e possuidor de excelente tino administrativo, tem condições para vir a ser o substituto de Nei Ferreira. Gozando de muito conceito no esporte baiano, e além do mais, foi colaborador eficiente em tôdas as horas difíceis do clube. A prova do seu prestígio, tem sido os vários convites que tem recebido de tôdas as agremiações baianas, mas como rubro negro, tem voltado as suas vistas para o seu clube. Se fôr candidato, poderá ter o apoio de todos, figurando na agenda do presidente Nei Ferreira para o pleito do mês de dezembro.

**GERALDO ALBUQUERQUE**

Foi também da "ala nova" de Nei Ferreira. Atuou e com destaque ao lado do presidente rubro negro na construção da sede de praia da agremiação rubro negra. Tem as simpatias do Dr. Renato Teixeira, presidente do Conselho Deliberativo do Esporte Clube Vitória e pessoa dotada de muito prestígio junto a Nei. Geraldo Albuquerque se aceitar a sua candidatura, arrastará muitos votos, porque na realidade tem sua parcela de trabalho em prol dos Leões da Barra.

**HENRIQUE CARDOSO**

Henrique Cardoso estêve ao lado do Vitória na luta travada contra a imprensa da Bahia. Foi inclusive o substituto de Nei, quando êste estêve afastado, e a sua mão de ferro pesou quando algumas injustiças foram cometidas contra o Vitória. Em nenhum momento deixou a luta, e dela hoje sai como provável sucessor de Nei na presidência do Vitória. É rubro negro de há muito, já tendo exercido varias funções no clube, chegando mesmo a ser um dos seus mais destacados atletas.

**JORGE CORREA RIBEIRO**

Dos nomes apresentados, figura mesmo nesse plano, porque



Pericles

dificilmente assumirá o lugar de Nei. Daqueles que gostam de trabalhar ajudando apenas, não sair de ter o seu nome para a presidência, será mais fácil levá-lo para a diretoria. Esteve também empenhado nas grandes conquistas do Vitória, e da extinta velha guarda, foi dos poucos que estêve sempre ao lado de Nei Ferreira.

São estes os candidatos que possue o Esporte Clube Vitória para o lugar de Nei Ferreira. Albino, Dacache, Luiz, Geraldo, Jorge, e Henrique, na próxima semana, poderão ler o ESPORTE JORNAL, porque esperamos, com maiores detalhes, apresentá-los a Bahia Esportiva, e principalmente a torcida rubro-negra. Por enquanto fica a pergunta: Quem será o substituto de Nei Ferreira?...

**OSÓRIO VILAS BOAS**

General vitorioso de inúmeras campanhas da Bahia, Osório Vilas Boas foi dos presidentes do Esquadrão de Aço o que maior número de adesões reuniu em tôrno de si, criando-se mesmo um mito em tôrno do menor tricolor. Dentro as inúmeras vitórias conquistadas, ressalte-se a de ter sido o primeiro campeão da Taça Brasil, vencendo ao Santos, dentro de Vila Belmiro. Sua passagem pelo Bahia dificilmente será esquecida, pois além de comandante de triunfos memoráveis, soube conduzir o clube para um caminho de maior segurança, lançando os títulos patrimoniais, que resultaram na edificação da belíssima sede do tricolor na Boca do Rio. E nêsse seu trabalho patrimonial, dois nomes conseguiu trazer para o Bahia, sustentáculos dêsse triunfo no setor patrimonial, Pedro Pascásio e Clínio Costa. Independente dêsses acêrtos de sua administração, anote-se as vitoriosas excursões que o tricolor realizou em canchas internacionais, sendo o primeiro dos clubes baianos a excursionar ao Velho Mundo.

Pelos seus acêrtos, Osório Vilas Boas é respeitado pela grande torcida tricolor. Entretanto é êle pelejro quem confessa seu cansaço na linha de frente do clube. Acha que outros poderão continuar tão bem quanto êle o trabalho que iniciou e alargar os passos pelos caminhos do maior progresso e desenvolvimento do Esporte Clube Bahia.

**PEDRO PASCASIO**

O dr. Pedro Pascásio, juiz de Direito, é o presidente do Departamento Patrimonial do Bahia. Sua indicação para êsse cargo, ao lado da honestidade de seus princípios e conduta, garantiu maior estímulo ao tricolor baiano.

Daí a grande obra com que conta hoje, o Bahia, capaz de dois dos seus mais destacados companheiros para substituí-lo, tirá-lo da condição de time para a de clube. Seu nome é visto com admiração pelos torcedores tricolores e desponta como provável substituto de Osório na presidência do Bahia, o que será uma justiça e só quem lucrará é a própria agremiação. E em declarações prestadas ao ESPORTE JORNAL, é o próprio Osório quem afirma de que Pedro Pascásio é um dos candidatos seus à presidência do clube.

**CLINIO COSTA**

Clínio Costa, vice presidente do Departamento Patrimonial do

Pascásio e Clínio



Geraldo

FIGURA 3: A ‘pacificação’ do futebol baiano / Esporte Jornal - 21 nov 1966

## 3 - Gritos no Silêncio

O site Gritos de Silêncio (http://gritos-no-silencio.webnode.com/) foi pensado e projetado para ser um ambiente virtual que pudesse armazenar, em um único lugar, todos os relatos que foram encontrados sobre o boicote promovido pela imprensa escrita e de rádio soteropolitana aos Campeonatos Baianos de futebol masculino de 1965 e 1966. A ideia do site se justifica pela possibilidade de unir áudio, fotografias e texto num único ambiente, que pode contemplar toda a apuração feita, seja nos jornais antigos, ou nas entrevistas com fontes que viveram aquele período.

No site, fizemos uma reportagem, uma galeria de imagens, além de programas de áudio, os chamados podcasts. A ideia do site foi importante para facilitar a circulação do produto, visto que não é do conhecimento de todos a existência desse hiato de quase dois anos na história do Campeonato Baiano e do jornalismo local.

Nos norteamos pela ideia de fazer um produto que fosse de fácil navegação, de modo que os leitores pudessem compreender as várias facetas desse momento histórico. Não só a greve jornalística, mas também os personagens que compõem a história, os títulos do Leão e as fichas raras. A plataforma escolhida para isso foi a Webnode.com, que se mostrou de fácil manuseio e também responsiva para mobile. Essa estrutura responsiva permite que o site não se desconfigure quando acessado por esses dispositivos, abarcando tanto o público de computadores, quanto o de celulares e tabletes.

Para uma maior organização da plataforma, dividimos o site em abas com nomes temáticos. A primeira delas fica localizada na página principal, chamada de “O Boicote”, local onde condensamos a história que pesquisamos nos jornais da época (A Tarde, Estado da Bahia, Diário de Notícias, Jornal da Bahia e Esporte Jornal), e narramos os fatos mais importante desde a agressão a Cléo Meireles até a “pacificação” do futebol baiano, com a renúncia de Ney Ferreira, presidente do Vitória na época.

Nesta página, há hiperlinks que transportam o leitor direto para os podcasts e para as biografias dos personagens mais importantes da época. Organizamos o site de modo que houvesse ligação entre as páginas, para que o usuário pudesse navegar com facilidade e sem perder detalhes sobre os pontos mais importantes que compõem a narrativa. Ainda na página principal, há um panorama que visa contextualizar o leitor.

FIGURA 4: Página principal do site Gritos no Silêncio

A aba seguinte, chamada de “Linha do Tempo”, foi criada para hospedar a linha temporal que fizemos com os marcos deste período de crise. A intenção com essa seção é condensar todos as informações coletadas ao longo das pesquisas em diferentes jornais soteropolitanos da década de 60, que funciona como uma espécie de guia para que o leitor passear pelos acontecimentos sem perder informações ou se confundir. De maneira detalhada, são expostos eventos que constituem a narrativa principal. Para construir a Linha do Tempo, utilizamos o site Time Graphics, que é de fácil manejo, o que facilitou a organização desta aba.

FIGURA 5: Aba de Linha do Tempo, onde os acontecimentos são detalhados

Ao lado, na seção “Personagens”, foi destinado um espaço para contemplar as biografias das personalidades mais importantes envolvidas neste período conturbado do futebol baiano. Essa aba foi pensada como uma espécie de consulta, um lembrete, para melhor situar o usuário do site sobre quem são as pessoas citadas nos textos.

Na sequência, na aba “Nos Jornais”, foram reunidos fragmentos de reportagens entre 1964 até 1966, em formato de galeria, dividido por empresa de jornal, para que o leitor possa percorrer o caminho editorial dos jornais da época e, desta maneira, possa constatar por conta própria os acontecimentos que narramos na Linha do Tempo. Essa parte do site também tem uma função de ser uma espécie de banco de dados, já que as fotografias de jornal ficarão expostas, possibilitando consulta.

FIGURA 6: Aba com as biografias dos principais envolvidos na crise do futebol baiano

A aba “Fichas” é o local onde está a principal descoberta deste Trabalho de Conclusão. Como o nome já sugere, nesta parte do site estão as fichas de jogos correspondentes às partidas finais do Campeonato Baiano de 1964, realizadas em maio de 1965. As fichas foram obtidas a partir de uma fonte, o jornalista Antônio Matos, que disponibilizou os autores dos gols dessas partidas. A última ficha, a da finalíssima, foi retirada da segunda edição do livro “Vitória Um x Federaçao Zero”, do jornalista Luiz Eugênio Tarquínio (1965).

FIGURA 7: Aba “fichas” traz os detalhes das finais de 64

Por fim, foi criada a aba “fórum”, onde foi disponibilizado um espaço para que os leitores possam interagir com os autores do site. Essa ferramenta foi pensada principalmente para ser um canal que possibilite que os usuários ajudem a concluir o trabalho, sobretudo o espaço destinado às fichas da final de 64, que não estão completas.

FIGURA 8: Aba “Fórum”, esquematizada para que os internautas entrem em contato

### 3.1 Em busca dos jornais

Para que a construção do site fosse completa, foi preciso antes ter as informações básicas sobre o que houve naquela época. O método utilizado para isso foi a pesquisa em

jornais antigos. Assim, comecei as minhas pesquisas em conjunto com Luís pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), na Av. Joana Angélica, 43 - Nazaré, Salvador, e logo depois na sede Associação Bahiana de Imprensa (ABI), localizada na rua Guedes de Brito, 1 - Centro. Por fim, na Biblioteca Central da Universidade Federal da Bahia, na avenida Adhemar de Barros, Ondina, no setor Lugares de Memórias, localizado no terceiro andar do prédio.

No IGHB, pesquisamos jornais de maior circulação em Salvador durante os anos de 1964 a 1966. São eles o A Tarde, Estado da Bahia, Jornal da Bahia e o Diário de Notícias. A pesquisa consistiu em mapear e registrar, por meio de fotografias, tudo o que envolvesse a crise do Campeonato Baiano.

Na ABI, tivemos acesso ao material completo do Esporte Jornal, além de uma edição do livro "Vitória um x Federação zero", de Luiz Eugênio (1965). Também estava disponível um acervo da Revista Única, que fez uma matéria sobre o jogo final da competição de 1964, mas sem a ficha de jogo.

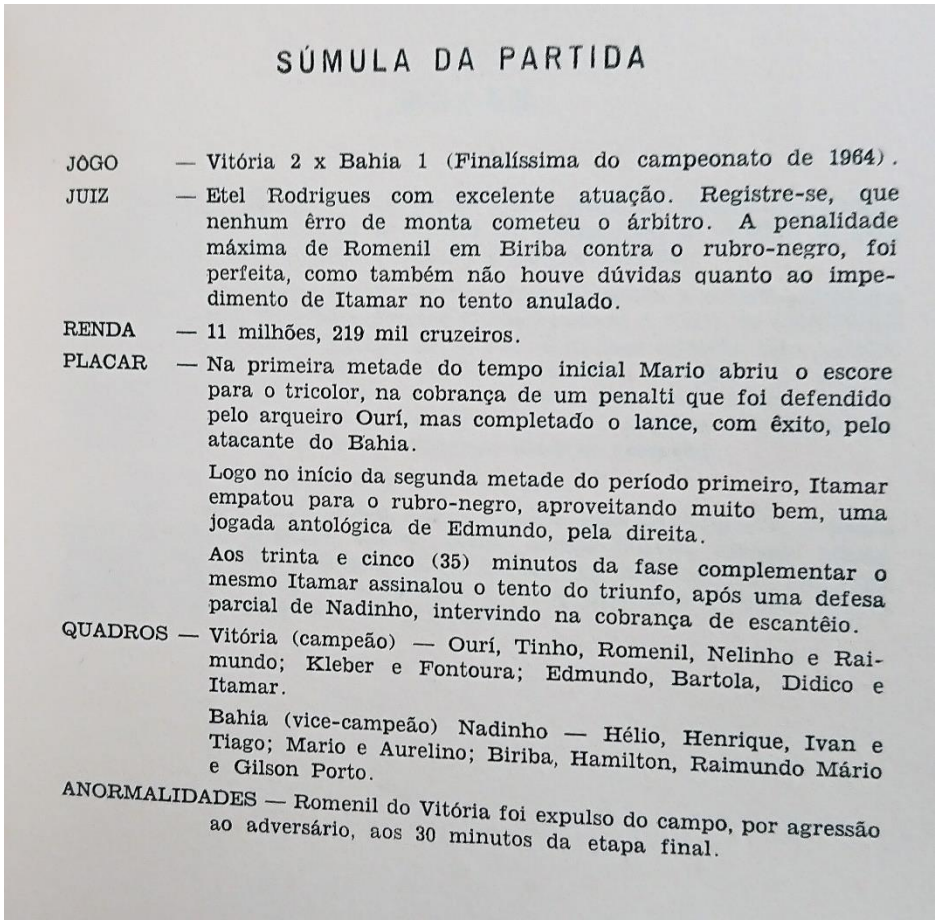
Em meio às nossas pesquisas, descobrimos que o Esporte Jornal foi criado em 1965, justamente como uma forma de contraponto ao boicote dos jornais da época aos times e ao Campeonato Baiano. A importância desse jornal, descoberto por nós por meio do trabalho do trabalho do jornalista Paulo Leandro (2013), foi de suma importância para o nosso produto final. Isso porque o semanário cobriu os dois campeonatos (1965 e 1966) que nenhum outro veículo, entre aqueles que pesquisamos, publicou.

Por fim, na biblioteca da UFBA, tivemos acesso à autobiografia de Ney Ferreira, presidente do Vitória na época, intitulada "Pedaços de uma vida" (1998). Também tivemos acesso ao livro "História do Ba-Vi" (1973), de Newton Calmon. Encontrar essa biografia foi importante para o trabalho, já que nela Ney Ferreira assume a invasão ao Diário de Associados, ao mesmo tempo em que nega ter sido o mandante do espancamento ao jornalista Cléo Meireles.

Porém, à medida em que as pesquisas seguiam, surgiam dúvidas e obstáculos. O principal problema para a conclusão do trabalho foi descobrir dados sobre a final de 1964. Os jornais que pesquisamos não publicaram os quatro jogos finais da competição. Fizemos pesquisas em jornais de outros estados, como o Diário de Pernambuco, que tem um acervo

online, mas também não obtivemos sucesso. Não concluímos que esses resultados de jogos não existem em algum material da época, mas nós não conseguimos encontrá-los nos veículos nos quais procuramos.

Apesar disso, nem tudo foi frustração quanto à procura das fichas. Enquanto estávamos na ABI, tivemos acesso ao livro "Vitória um x Federação zero" (1965). Curiosamente, o autor colocou a ficha e uma crônica do último jogo daquele campeonato anexadas ao livro, em forma de apêndice, numa clara demonstração de preocupação com a história do Campeonato Baiano. O acervo da ABI sobre Luiz Eugênio, tanto do Esporte Jornal, quantos das crônicas que escreveu ao longo da vida, incluindo o livro, foi doado pela família, após a sua morte, em 2010.



SÚMULA DA PARTIDA

JÔGO — Vitória 2 x Bahia 1 (Finalíssima do campeonato de 1964).

JUIZ — Etel Rodrigues com excelente atuação. Registre-se, que nenhum êrro de monta cometeu o árbitro. A penalidade máxima de Romenil em Biriba contra o rubro-negro, foi perfeita, como também não houve dúvidas quanto ao impedimento de Itamar no tento anulado.

RENDA — 11 milhões, 219 mil cruzeiros.

PLACAR — Na primeira metade do tempo inicial Mario abriu o escore para o tricolor, na cobrança de um penalti que foi defendido pelo arqueiro Ourí, mas completado o lance, com êxito, pelo atacante do Bahia.

Logo no início da segunda metade do período primeiro, Itamar empatou para o rubro-negro, aproveitando muito bem, uma jogada antológica de Edmundo, pela direita.

Aos trinta e cinco (35) minutos da fase complementar o mesmo Itamar assinalou o tento do triunfo, após uma defesa parcial de Nadinho, intervindo na cobrança de escantêio.

QUADROS — Vitória (campeão) — Ourí, Tinho, Romenil, Nelinho e Raimundo; Kleber e Fontoura; Edmundo, Bartola, Didico e Itamar.

Bahia (vice-campeão) Nadinho — Hélio, Henrique, Ivan e Tiago; Mario e Aurelino; Biriba, Hamilton, Raimundo Mário e Gilson Porto.

ANORMALIDADES — Romenil do Vitória foi expulso do campo, por agressão ao adversário, aos 30 minutos da etapa final.

FIGURA 9: Súmula da final do Campeonato Baiano de 1964

Por conta dessa escassez de informações sobre o período, optamos por buscar as outras três fichas restantes por meio de relatos orais. Para isso, entrevistamos o historiador Nelson Cadenas, 73, o jornalista e delegado Antônio Matos, 71, além do radialista José

Ataíde, 85. As entrevistas também serviram para preencher lacunas deixadas pelas pesquisas, como parte do contexto histórico e os bastidores.

## 4. História oral e Memórias de 1964 a 1966

Como explicado anteriormente, com o avanço da pesquisa foi necessário buscar outras fontes de informação que não apenas os jornais da época. Para isso, precisamos recorrer a entrevistas com pessoas que viveram e participaram do período de crise do futebol baiano, correspondente a 1965 e 1966. A essa metodologia, dá-se o nome de história oral. Marluza Harres (2008) explica o que é a história oral.

> Quando falamos de história oral, estamos falando de uma pesquisa histórica que utiliza uma fonte de caráter memorial, produzida, normalmente, pelo pesquisador em diálogo e interação com os entrevistados; uma fonte que, como outras selecionadas na pesquisa, deve ser submetida a um tratamento análitico (Harres, 2008, p.103)

Priscila David (2013, p.158) esclarece, citando Verena Alberti (2005, p 155-202), que "se costuma considerar como marco para a história oral moderna a invenção do gravador de voz, em 1948, bem como a formação do programa de História Oral da Universidade de Columbia, em Nova York".

Apoiados pela História Oral, fomos à procura de fontes que pudessem colaborar com o nosso produto. O historiador colombiano Nelson Cadenas, 73, especializado em história do estado da Bahia, foi a nossa primeira fonte. Fizemos um podcast com ele, disponibilizado na íntegra no site Gritos no Silêncio, voltado para o contexto histórico do estado da Bahia na época. Nesta entrevista, também foram abordadas questões de percepção dos torcedores à época. Segundo ele, o público baiano não recebeu bem a agressão ao jornalista Cléo Meireles, que foi atribuída ao presidente do Vitória à época, Ney Ferreira, e ao vice-presidente Henrique Cardoso. Ele também foi perguntado sobre Luiz Eugênio e a recepção dos jornalistas na ocasião da criação do Esporte Jornal.

Nesta entrevista, Cadenas indicou o jornalista Antônio Matos, 71, que ele acreditava ter sido repórter no Diário de Notícias, veículo dos Diários Associados, na época em que ocorreu a crise. Contactamos Matos no dia 18 de setembro, mas ele estava fora do Brasil e,

por isso, a entrevista só foi realizada quinze dias depois, na sede da ABI, numa quinta-feira pela manhã, no dia 10 de outubro.

Ao contrário da lembrança de Cadenas, Matos ainda não era jornalista na ocasião do boicote da imprensa ao futebol baiano (65-66). Mas, para nossa surpresa, ele contou que nessa época ele era jogador das divisões de base do Vitória. Nas suas memórias, ele relatou que o clima era comum nos treinamentos, mesmo com o boicote. Ele relatou que atrasos de salários era prática comum do futebol baiano, não apenas nos anos de 1964 a 1966. O jornalista nos levou, conforme solicitado, dados das fichas das finais de 1964, incluindo os autores dos gols. Foi dessa maneira que adquirimos as fichas parciais daquela final, que hoje se encontram na aba "fichas", no site Gritos no Silêncio.

Tentamos contato com outras personalidades do meio futebolísticos que viveram a época, como os jornalistas Jorge San Martins e Oldemar Seixas, além do ex-zagueiro Romenil, que participou daqueles jogos com a camisa do Vitória, mas eles não quiseram gravar entrevista. Também contactamos Paulo Leandro, que nos deu dicas sobre o Esporte Jornal e sobre o zagueiro Romenil.

Por fim, consegui contactar o radialista José Ataíde, 85, por meio do professor Wilson Manoel, que me colocou em contato com Jefrey, filho de Ataíde, que possibilitou que a entrevista acontecesse. Marcamos com o radialista no saguão do Ondina Apart, no final da tarde do dia 22 de outubro. Ataíde relatou com detalhes todos os momentos de que se lembrava sobre os episódios. Incluindo questões de bastidores da época.

O formato de gravação de áudio permite que o relato não se perca, além de ser uma boa fonte para pesquisas futuras. Por isso, optamos por colocar o material na íntegra no site Gritos no Silêncio. A falta de fontes foi um dos nossos problemas na busca pela história. O período que pesquisamos (65 – 66) trata-se de 55 anos atrás, e muitas pessoas que participaram ativamente do período já faleceram. Como é o caso de Ney Ferreira, Cléo Meireles, Luiz Eugênio, entre outros. Os áudios do site foram editados com o uso do programa Audacity.

Como relatado anteriormente, optamos pelas entrevistas com fontes que viveram o período a que este trabalho se refere quando os jornais que pesquisamos não continham informações sobre a competição de 1964. Isso não quer dizer, no entanto, que esses relatos

não existam em outros lugares, revistas, ou fichas de colecionadores de artigos esportivos. Porém esgotamos os meios de procura que conhecíamos. Alberti (1996) alerta para que o uso da metodologia de história oral seja feito com cautela pelo historiador, a fim de evitar desperdícios, seja de tempo ou recursos.

> Tenho uma forte convicção de que, na história oral como em qualquer outra prática científica, devemos, digamos assim, evitar o desperdício. O que quero dizer com isso? Que só se deve recorrer à metodologia da história oral quando os resultados puderem efetivamente responder às nossas perguntas e quando não houver outro tipo de fonte disponível – mesmo entrevistas já realizadas – capaz de responder às nossas perguntas. Só assim creio que o investimento de tempo e de recursos pode vir a ser compensado. (Alberti, 1996, p.1)

No exercício das entrevistas, tivemos que ter o cuidado com o conteúdo que foi colocado pelas fontes, no sentido de autenticar apenas as informações que tenham como ser comparadas e provadas. Afinal, o entrevistado se utiliza, neste caso, de sua memória para relembrar acontecimentos de meio século atrás.

Na entrevista com José Ataíde, 85, radialista com 70 anos de experiência e ainda em atividade, atualmente com um programa matutino na Rádio Metrópole, ele nos disse ter sido vítima de uma ameaça do homem envolvido na agressão ao radialista Cléo Meireles, o segurança de Ney Ferreira, Carlito, a quem Ataíde descreveu como um homem violento.

> A equipe de segurança de Ney Ferreira era chefiada por um policial aposentado, chamado Carlito. Esse Carlito, para que você tenha uma ideia, era agressivo. Muito agressivo. E gostava de intimidar bastante a imprensa. Tanto isso é verdade que eu fiz um comentário a respeito da sede de praia do Esporte Clube Vitória, um comentário que a mim parecia lisonjeiro, e ao sair da rádio Excelcior, do programa Instantâneo Desportivo, passando na porta do edifício Themis, ele me chamou e disse “venha cá, o doutor Ney não gostou do seu comentário. Se você fizer outro parecido, vou te dar um beliscão com esse alicate”. E mostrou na cintura o alicate que ele portava. Eu, garoto, me piquei, como diz a gíria. Além de Carlito, ainda tinha outro, chamado de Messias, que também era violento e doido por uma confusão - (Ataíde, 2019)

A julgar pela forma com que os jornais descreviam Carlito e a equipe de segurança de Ney Ferreira, responsáveis pelo espancamento do jornalista Cléo Meireles, o relato de

Ataíde parece real. Porém, não há elementos atualmente para comprovar a informação, não existe como esse relato (importante, sem dúvida) ser cravado como uma verdade absoluta, sendo que nos falta maneiras para confrontar o que foi dito - não houve um boletim de ocorrência ou uma denúncia.

David (2013) esclarece outros problemas que o historiador pode se deparar ao longo de sua pesquisa, como as múltiplas narrativas sobre determinado fato histórico com personagens diferentes.

> A História oral nos auxilia a compreender a possibilidade de múltiplas narrativas e que estas indicam que não há uma verdade única e que, em decorrência da sociedade ser composta por vários grupos sociais participantes concomitantemente de um mesmo período ou evento histórico, cada qual terá uma visão de mundo, uma experiência de vida que compõe o todo. (David, 2013,p.160)

Observemos os relatos de Ataíde e Matos sobre a maneira como os clubes se organizaram, durante o boicote, para atenuar a falta de informações sobre as partidas. Eles deram depoimentos diferentes, com suas lembranças da época, mas que se complementam e não se excluem.

Antônio Matos relatou que era comum a colagem de folhetos em postes pela cidade, informando resultados e comunicados sobre os dias dos jogos. A versão de Ataíde é um pouco diferente: de acordo com ele, na época foi muito comum o uso de carros de som para anunciar os jogos e resultados das partidas em Salvador – ele enfatizou que essa iniciativa permaneceu por bastante tempo na cidade.

### 4.1 A questão da memória

Quando resolvemos recorrer à História Oral, devido à natureza do nosso projeto, inevitavelmente adentramos no campo da memória. O que isso quer dizer? Ao passo em que não encontramos muitos relatos escritos sobre determinadas situações que ocorreram no passado, fomos obrigados a encontrar esses pontos em relatos de pessoas que viveram aquela época e que, portanto, precisariam recorrer às suas memórias para nos contar as suas impressões e experiências.

Antônio Matos, jornalista e delegado, ensaiava os primeiros passos na divisão de base do Vitória, como jogador de futebol, quando a crise acometeu o futebol baiano. As memórias dele sobre os episódios são vívidas; no geral, não há muita diferença entre o que ele e José Ataíde relataram sobre os motivos pelos quais o boicote ocorreu.

Há uma uniformidade, com algumas ligeiras alterações: Ataíde, que já trabalhava na rádio Excelsior na época, não se lembrava da invasão de Ney Ferreira ao Diários Associados, no entanto lembrava até mesmo os nomes dos agressores de Cléo Meireles. Enquanto que Matos se recordava com detalhes os acontecimentos que levaram à invasão.

Tanto Matos quanto Ataíde frequentavam as partidas ignoradas pela imprensa, mas de maneiras diferentes. Antônio Matos como espectador, ainda não era jornalista; Ataíde como alguém da imprensa que, mesmo à paisana, temia ser reconhecido pelos torcedores do Vitória, que, segundo ele relatou, estavam irritados com a imprensa por causa do boicote. “Quando a imprensa, mesmo não transmitindo jogos, inclusive os fotógrafos, apareciam na Fonte Nova, eram saudados com estrepitosas vaias, impropérios, ameaça física, inclusive xingamentos”, contou Ataíde, descrevendo o clima que se criou entre jornalistas e torcedores.

Motivado por esse acirramento de ânimos entre jornalistas e torcida, Ataíde contou ter “furado” o boicote dos jornalista ao Campeonato Baiano. Com o patrocínio de Chico Rebouças, presidente do Ypiranga na época, ele disse ter feito uma transmissão de uma partida entre Vitória x Ypiranga. Porém, não se lembrava se esse episódio ocorreu antes ou depois da criação do Esporte Jornal, em junho de 1965.

> O cerceamento das notícias e das transmissões era uma porta aberta para as equipes fecharem e demitirem seus profissionais. Eu decidi furar a greve. Procurei o presidente do Ypiranga, meu saudoso e inesquecível Chico Rebouças, perguntei a ele se ele patrocinaria uma quebra da greve com uma transmissão minha da Fonte Nova. Ele, abonado fazendeiro, me disse que sim. Eu procurei uma rádio chamada Educadora de Santo Amaro da Purificação, o diretor também era cronista esportivo, chamado Hilton Lago, e propus a ele comprar o tempo, por exemplo, duas horas, naquele domingo, onde o Ypiranga jogava com o Vitória. Só para ver o que daria essa quebra de greve. Rebouças patrocinou, eu fiz a transmissão, diga-se de passagem, a rádio não tinha a potência esperada, mas foi uma luz no fim do túnel. Foi aí, ou já antes, que surgiu o veículo Esporte Jornal, de Luiz Eugênio Tarquínio, cronista riquíssimo, de tradicional família baiana, que inaugurou esse jornal, que só saía às segundas-feiras, com os resultados de todos os jogos, as notícias do Vitória e

> escrachando, também, num semi-partidarismo favorável ao Vitória, os outros colegas que permaneciam em greve. (Ataíde, 2019)

Como fica claro no trecho acima, Ataíde contou que teve uma participação importante na dissolução do boicote da imprensa. Não tínhamos conhecimento de outro cronista, com exceção de Luiz Eugênio, que tenha tomado uma iniciativa de furar o boicote. Não tivemos meios de comprovar o relato, mas sem dúvidas é um importante fragmento que poderia ter sido perdido, já que não havia sido documentado antes.

As memórias tanto de Ataíde quanto de Antônio Matos sobre os episódios que culminaram na crise a qual este trabalho se refere até poderiam ser passadas adiante por meio das palavras, em reuniões familiares, conversas casuais, já que essas histórias nunca foram documentadas por eles em papel, por exemplo. Esses relatos, assim como os do Campeonato Baiano de 1964, não saíram nos jornais da época ou revistas, permanecendo, assim, até hoje, na oralidade primeira, como explica Pierre Lévy (1993).

Lévy (1993) explica que a sociedade percebeu, em determinado momento, que para que as informações, conhecimentos e as atividades culturais exercidas fossem passadas adiante, seria necessária outra forma de registro que não apenas a oral. Levy (1993) explica que ainda há uma persistência da oralidade primária na sociedade atual. Por mais que existam canais impressos ou meios de comunicações audiovisuais, os conhecimentos empíricos são comuns e responsáveis por boa parte dos aprendizados que adquirimos ao longo da vida.

> A maior parte dos conhecimentos em uso nos anos 1990, aqueles de que servimos em nossa vida cotidiana, nos foram transmitidos oralmente, a maior parte do tempo sob a forma de narrativa (histórias de pessoas, famílias ou empresas) [...] Rumores, tradições e conhecimentos empíricos em grande parte ainda não passam por outros canais que não o impresso ou meios de comunicação audiovisuais. (Levy, 1993, p. 84)

Posteriormente, Lévy (1993) pensou em ‘Oralidade Secundária’, que seria o conjunto entre a oralidade e a escrita. Diferente do que acontece na oralidade primária, na secundária a história passa para o canal impresso, ou audiovisual, por exemplo, de modo a facilitar a circulação do conteúdo ou mesmo para que esse conteúdo não se perca com o tempo.

## 4.2 Gritos no Silêncio e a oralidade secundária

Essa reflexão de Levy (1993) sobre as diferenças de oralidades é importante para entender o papel da escrita na condensação de informações que, sem ela, possivelmente se perderiam com a ação do tempo. O site Gritos no Silêncio é criado sob essa perspectiva, a de unir as oralidades num único espaço virtual que possibilite a coexistência de diferentes meios de comunicar. Sejam eles os áudios de entrevistas, escritos explicativos sobre o produto, ou mesmo fotografias de matérias de jornais que, antes da digitalização, estariam sujeitos ao apodrecimento. No digital, esses meios encontram uma segurança maior no sentido de preservação. Na década de 90, Lévy (1993) já avaliava a eficiência das novas ferramentas de armazenamento. Tanto o CD-ROM, quanto os disquetes, ocupavam menos espaço e eram proporcionalmente mais baratos do que o papel.

Com fotos, entrevistas e relatos, o produto foi pensado para eternizar não só uma história de uma agressão que culminou em um boicote da imprensa ao Campeonato Baiano, mas também resgatar informações que estavam na Oralidade Primária (Levy, 1993) para o meio digital, por meio da escrita e da informática. As entrevistas de Ataíde, Matos e o relato completo sobre os campeonatos baianos boicotados agora estão abertos a consulta, no site Gritos no Silêncio, assim como as fichas das finais de 1964, que teve o Vitória campeão.

## 5 - O papel da assessoria

Num cenário de boicote, sem que a imprensa noticiasse o que acontecia nas competições, ou no dia a dia dos clubes, como os times informavam a sua torcida sobre a equipe? A situação necessitava de uma ação dos times, que dependiam diretamente da intermediação da imprensa na relação com a torcida. Afinal, estamos falando de 1965, quando ainda não havia internet, sites de redes sociais ou sites institucionais.

A ocasião seria perfeita para a criação de uma assessoria de imprensa, mas não foi isso o que se viu. De fato, houve iniciativas paliativas dos clubes para sanar esse problema, como destacamos no capítulo anterior nas declarações de Matos e Ataíde. Mas seria improvável, naquela época, que os clubes tivessem uma estratégia bem montada, ou mesmo um protocolo para gerir crises. De acordo com Júlio Abreu (2014), citando Carvalho & Reis (2009), o primeiro registro de um trabalho de assessoria de imprensa no mundo foi do jornalista Ivy Lee, em Nova York, em 1906. Portanto, 60 anos antes da crise no futebol baiano. O problema, no entanto, é que essa função, de acordo com Abreu (2014), só foi

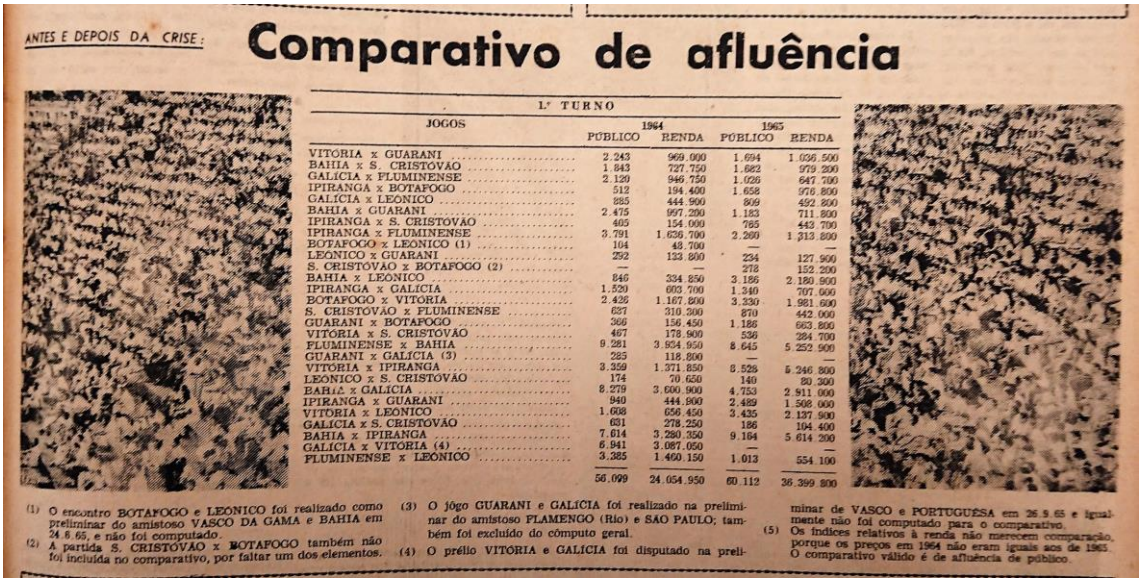
introduzida nos esportes em geral aqui no Brasil em 1992, quando o jornalista Rodrigo Paiva foi efetivado como assessor do Flamengo.

> Rodrigo Paiva iniciou os trabalhos na área quando era atleta de remo do CR Flamengo. Como possuía formação em jornalismo, auxiliava informalmente os demais companheiros durante as entrevistas à imprensa. Com o tempo, passou a ser reconhecido como muito bom na função, que veio a ser oficializada em 1992. (ABREU, 2014, p. 23-24)

Todo esse imbróglio envolvendo clubes, federações, imprensa, suscitou uma discussão entre nós sobre se, no contexto atual, uma greve dessa natureza teria efetividade. Atualmente, com os clubes em posse de milhões de seguidores nas redes sociais, a maioria com sites institucionais fortes, aplicativos para mobile, a ideia de boicotar os times certamente seria amplamente ineficiente, se feita nos mesmos termos da anterior. Isso porque hoje os clubes têm canal direto com o torcedor. Pior ainda, atualmente a situação parece inversa daquela encontrada na década de 1960: se antes o clube necessitava das empresas de jornais para passar as suas informações básicas ao torcedor, hoje não têm mais essa necessidade.

Curiosamente, mesmo com o boicote, o público nos estádios aumentou de 1964 para 1965, como mostra gráfico a seguir do Esporte Jornal (1965). Se antes do boicote o público total correspondia a 56.099, no ano seguinte o número passa a ser de 60.112. O jornal pede que desconsidere a renda, já que o valor dos ingressos mudou de um ano para o outro.

Esses dados, colhidos à época pelo Esporte Jornal, foram recebidos com surpresa por nós. Afinal, mesmo sem a imprensa anunciando as partidas, o número de pessoas que compareceram aos jogos aumentou. Isso aponta para no mínimo duas possibilidades: 1) o boicote foi ineficiente no sentido de deixar o leitor sem informações sobre os jogos. 2) a contra-resposta dos clubes, como explicaram Ataíde e Matos, foi eficiente para atenuar os problemas de comunicação, pelo menos no que diz respeito ao anúncio dos jogos de futebol.



ANTES E DEPOIS DA CRISE:

# Comparativo de afluência

1.º TURNO

| JOGOS | 1964 PÚBLICO | 1964 RENDA | 1965 PÚBLICO | 1965 RENDA |
|---|---|---|---|---|
| VITORIA x GUARANI | 2.243 | 969.000 | 1.694 | 1.036.500 |
| BAHIA x S. CRISTOVÃO | 1.843 | 727.750 | 1.682 | 979.200 |
| GALICIA x FLUMINENSE | 2.129 | 946.750 | 1.026 | 647.700 |
| IPIRANGA x BOTAFOGO | 512 | 194.400 | 1.658 | 976.800 |
| GALICIA x LEONICO | 885 | 444.900 | 869 | 492.800 |
| BAHIA x GUARANI | 2.475 | 997.200 | 1.183 | 711.800 |
| IPIRANGA x S. CRISTOVÃO | 405 | 154.000 | 765 | 443.700 |
| IPIRANGA x FLUMINENSE | 3.791 | 1.636.700 | 2.200 | 1.313.800 |
| BOTAFOGO x LEONICO (1) | 104 | 48.700 | — | — |
| LEONICO x GUARANI | 252 | 133.800 | 234 | 127.900 |
| S. CRISTOVÃO x BOTAFOGO (2) | — | — | 278 | 152.200 |
| BAHIA x LEONICO | 846 | 334.850 | 3.186 | 2.189.900 |
| IPIRANGA x GALICIA | 1.520 | 693.700 | 1.340 | 707.600 |
| BOTAFOGO x VITORIA | 2.426 | 1.167.800 | 3.330 | 1.981.600 |
| S. CRISTOVÃO x FLUMINENSE | 637 | 310.300 | 870 | 442.000 |
| GUARANI x BOTAFOGO | 366 | 156.450 | 1.186 | 663.800 |
| VITÓRIA x S. CRISTOVÃO | 467 | 178.900 | 536 | 284.700 |
| FLUMINENSE x BAHIA | 9.281 | 3.954.950 | 8.645 | 5.252.900 |
| GUARANI x GALICIA (3) | 285 | 118.800 | — | — |
| VITORIA x IPIRANGA | 3.359 | 1.371.850 | 8.526 | 5.246.800 |
| LEONICO x S. CRISTOVÃO | 174 | 70.650 | 149 | 80.300 |
| BAHIA x GALICIA | 8.279 | 3.600.900 | 4.753 | 2.911.000 |
| IPIRANGA x GUARANI | 949 | 444.900 | 2.489 | 1.508.000 |
| VITORIA x LEONICO | 1.608 | 656.450 | 3.435 | 2.137.900 |
| GALICIA x S. CRISTOVÃO | 631 | 278.250 | 186 | 194.400 |
| BAHIA x IPIRANGA | 7.614 | 3.280.350 | 9.184 | 5.614.200 |
| GALICIA x VITORIA (4) | 6.941 | 3.087.050 | — | — |
| FLUMINENSE x LEONICO | 3.385 | 1.460.150 | 1.013 | 554.100 |
| | 56.099 | 24.054.950 | 60.112 | 36.399.800 |

(1) O encontro BOTAFOGO e LEONICO foi realizado como preliminar do amistoso VASCO DA GAMA e BAHIA em 24.8.65, e não foi computado.

(2) A partida S. CRISTOVÃO x BOTAFOGO também não foi incluída no comparativo, por faltar um dos elementos.

(3) O jôgo GUARANI e GALICIA foi realizado na preliminar do amistoso FLAMENGO (Rio) e SÃO PAULO; também foi excluído do cômputo geral.

(4) O prélio VITÓRIA e GALICIA foi disputado na preliminar de VASCO e PORTUGUÊSA em 26.9.65 e igualmente não foi computado para o comparativo.

(5) Os índices relativos à renda não merecem comparação, porque os preços em 1964 não eram iguais aos de 1965. O comparativo válido é de afluência de público.

FIGURA 10: comparativo de afluência nos estádios de futebol 9/8/1965

De todo modo, não pudemos deixar de pensar que, com uma assessoria de imprensa forte e organizada, esse problema que acometeu o futebol baiano seria certamente uma crise, mas melhor conduzida, sem dúvidas. Tanto em relação à agressão ao jornalista Cléo Meireles, quanto à divulgação dos resultados e fichas de jogos, prática comum atualmente dos assessores de imprensa do meio esportivo. Talvez, desse modo, mesmo com um boicote, as informações não teriam sido de tão difícil acesso.

O clube de futebol tem a responsabilidade de salvaguardar a sua história. Uma sugestão, que hoje parece óbvia, seria a criação de uma revista institucional, ou um jornal, com informações básicas dos clubes. Ou mesmo alguma iniciativa da Federação Bahiana de Futebol (FBF), que não guarda qualquer vestígio documental da época. De repente, um setor de memória, um museu, com informações documentadas, com as fichas de jogos das partidas, fotografias, entre outras coisas. Fato é que a crise foi mal conduzida por todas as parte.

Abreu (2014), citando Kopplin & Ferrearetto (2010), diz que não se pode prever uma crise, mas “ela pode ser atenuada caso haja um planejamento eficiente de comunicação, com os assessores de imprensa participando de decisões estratégicas da empresa e com autonomia para intervir internamente quando julgarem necessário” (2014, p. 22).

## 6. Considerações finais

Na Bahia, na década de 1960, ainda não existia a ideia de assessoria de imprensa em clubes de futebol. Também por isso as informações de um modo geral dependiam exclusivamente das empresas de jornais, que filtrava e repassava à população. Essa dependência por parte dos clubes criou um problema para a memória do esporte quando os maiores veículos de Salvador, em 1965, decidiram boicotar o Campeonato Baiano. Essa ação dos cronistas, como pensou Levy (1993), deixou as informações daquele período na Oralidade Primária, uma vez que a história não foi documentada nos jornais.

O site Gritos no Silêncio trouxe informações, antes apenas do campo da memória de nossas fontes, para a internet. Num exercício de manter viva a memória da competição, intencionalmente retirada da história em forma de protesto contra o presidente do Vitória da época, o deputado Ney Ferreira.

O trabalho procurou contribuir para a reconstituição do Campeonato Baiano de 1964, por meio das fichas das partidas das finais daquele ano, ainda que incompletas. Além disso, este trabalho conta a história do boicote da imprensa ao Vitória e à competição local, eventos que não é do conhecimento de todos os torcedores, visto a raridade do material.

A realização deste trabalho, em parceria com meu amigo Luís Felipe Brito, me fez ter uma perspectiva diferente do “fazer jornalismo”. Diante de todas as dificuldades que encontramos, entendi muito sobre o porquê fazemos o que fazemos. Às vezes, no exercício da profissão, nos esquecemos da importância que temos ao documentar a história, que a notícia de hoje não vence no dia seguinte.

A busca de fichas de jogo me fez entender a importância de preenchê-las, de longe a parte de que menos gostava nas matérias de jogo, na época em que estagiava na editoria de Esportes do Jornal A Tarde, em Salvador. Hoje entendo os puxões de orelha do meu antigo chefe, Luiz Teles, que era o responsável pela a editoria na época. Estávamos, esse tempo todo, ajudando a escrever a história. Pelo menos, criando condições para que os resultados das partidas não caíssem no esquecimento.

## 7. Referências

**ABCD pede a paralisação total do esporte e intervenção no Vitória**. Jornal da Bahia, p.6, 12 de nov de 1964.

ABREU, Júlio. **Assessoria de Imprensa em clubes de futebol: um estudo de caso do Botafogo F.R..**, UFRJ. Rio de Janeiro, 2014 p. 22-25 Disponível em:< https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4374/1/JAbreu.pdf> Acesso em: 25 out 2019

ATAÍDE, José. **Entrevista concedida a José Cairo Garrido Neto**. Salvador, 22 out. 2019; Disponível em: http://cms.gritos-no-silencio.webnode.com

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado.** CPDOC-FGV, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: < acesso em: 26 out. 2019

Bahia está solidária com a crônica e pede punição aos agressores: Esporte parou em sinal de protesto contra massacre de Cléo Meireles. **Jornal da Bahia**, Salvador, p.6, 11 nov. 1964

CALMON, Newton. **A história do Ba-VI**, Salvador, 1973

DAVID, Priscila. História Oral: Metodologia do Diálogo. **Patrimônio e Memória**. Unesp, São Paulo, V.9, n.1, p 157 – 170. 2013. Disponível em:<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/313/601>
Acesso em: 24 de out 2019

Entre técnico e diretor, ficou êste. **Jornal A Tarde**. Salvador. 1 out. 196

Esporte Jornal foi o primeiro a noticiar a paz no futebol baiano. **Esporte Jornal**, Salvador, 21 nov. 1966.

FERREIRA, Francisco Ney**. Pedaços de uma vida**. Ed Kanzeon. Salvador, p. (107-130), 1998.

HARRES, Marluza. História Oral: algumas questões básicas. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 99-112, dez. 2008; Acesso em: 2 nov 2019; Disponível em: https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/7960/4749

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. – Rio de Janeiro; Ed. 34, 1993, 208p. (coleção TRANS)

LEANDRO, P.R. **Ba-vi: da assistência à torcida. A metamorfose nas páginas esportivas**. 2013. 168f. Tese de Doutorado -UFBA, Salvador, 2011.

No almoço no mercado saiu o plano de invasão: Ney arquitetou tudo. **Estado da Bahia**. Salvador. P.4. 7 jan 1965

TARQUÍNIO, Luiz. **Vitória um x Federação zero.** 2 ed. Salvador, 1965.

Tentativa de homicídio qualificado: Marginais denunciados. **Estado da Bahia**, Salvador, p.5, 20 nov 1964.

## 8. APÊNDICES

LINHA DO TEMPO DESCRITA (1964 – 1966)

11/9/1964: Tinho II entra em campo pelo Vitória pela primeira vez no Campeonato Baiano em partida realizada ante o São Cristóvão. Jornalistas estranham presença do jovem de 17 anos.

13/9/1964: na rádio e nos jornais, circulam boatos de que Tinho II estreou de maneira irregular. Cléo Meireles é o primeiro a divulgar a notícia

9/11/1964 (segunda-feira): jornalista é espancado dentro de ônibus na altura da Barra, onde morava, e fica internado no quarto 410 do Hospital Português. Um boletim de ocorrência foi registrado, mas ninguém foi preso

11/11/1964: imprensa esportiva se solidariza com o ocorrido e marca reunião para possíveis ações após o fato; Deputado e presidente do Vitória, Ney Ferreira é apontado como mandante do espancamento

12/11/1964: reunião convocada pela Associação Baiana de Cronistas Desportivos (ABCD) decide pela paralisação do campeonato e solicita intervenção no Vitória. Já no primeiro final de semana, não houve jogos oficiais na Bahia; Amigos e familiares de Cléo Meireles receberam ameaças por telefone, de acordo com informações divulgadas no Jornal da Bahia

15 e 16/11/1964: A crise deixa consequências em outros esportes no final de semana, como natação, futsal e vôlei (JB). Todo o esporte baiano é paralisado

17/11/1964: é convocada uma assembleia geral no Vitória para uma possível intervenção; estado de saúde do radialista piora

18/11/1964: assembleia no Vitória não é apreciada por falta de número de pessoas

19/11/1964: presidente da Federação Baiana de Futebol (FBF) instaura inquérito afastando o então presidente do Vitória Nei Ferreira do cargo pelo período de um mês

20/11/1964: FBF determina retorno do futebol baiano para o final de semana; juiz José Minúncio de Carvalho Caribé, da 4ª vara criminal, determina a prisão dos guardas civis Carlito Luís de Freitas e Deusdete Dória, apontados como autores da violência ante o radialista

23/11/1964: promotor Renato Bastos, da 4ª vara criminal, do fórum Ruy Barbosa, qualifica atentado a Cléo Meireles como tentativa de homicídio. Com o presidente do Vitória afastado por um mês, caso esfria nas semanas seguintes e futebol baiano continua sendo coberto normalmente enquanto caso é julgado.

16/12/1964: com o caso é esquecido; futebol baiano entra oficialmente de férias; Já não há mais notícias sobre o estado de saúde do radialista

3/1/1965: futebol aparentemente normal para a imprensa

6/1/1965: Ney Ferreira, após cumprir afastamento, invade sede dos Diários e Emissoras Associadas da Bahia e ameaça o diretor Odorico Tavares e o secretário Paulo Nacife. Ambos não estavam no local, que foi vasculhando por Ney e seus 4 guarda-costas

7/1/1965: OAB-BA instaura inquérito e apura conduta de Nei; Odorico depõe e Ney, em ligação para secretária de segurança, diz que também foi vítima de atentado; Presidente da FBF intervém no Vitória

8/1/1965: Ney Ferreira se defende, e diz que só foi “tirar satisfação”;

12/1/1965: Rui Carneiro e Mário Brito conseguem intervenção no Vitória; enquanto

isso, jogos do campeonato acontecem sem que sejam cobertos pela imprensa; testemunhas, os repórteres Edson Alves e Luiz Murici desmentem Ney Ferreira e confirmam à polícia as duas reais intenções: matar os dois jornalistas

14/1/1965: presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND), General Elói Menezes, vem à Salvador para acompanhar a crise e tentar solucioná-la

15/1/1965: FBF ameaça suspender rodada do final de semana do campeonato baiano

16/1/1965: polícia pede para ouvir Ney Ferreira; FBF confirma suspensão dos jogos do final de semana

18/1/1965: nenhuma notícia sobre o futebol baiano; delegado Almiro Araújo, titular da 1ª Delegacia, ainda sem resposta da assembleia legislativa para ouvir Ney Ferreira

21/1/1965: seis clubes baianos criam torneio independente da federação (torneio Lomanto Jr.) e sem o Vitória, para não pararem as suas atividades. Este torneio conta com o apoio da imprensa

24/1/1965: realização de torneio Lomanto Jr. com notícias publicadas normalmente

27/1/1965: delegado Almiro Araújo conclui inquérito sobre invasão no Diário dos Associados; Presidente da FBF Renato Reis vai ao Rio de Janeiro e solicita suspensão da intervenção no Vitória

30/1/1965: jogadores do Vitória fazem greve por conta da crise

31/1/1965: são realizadas eleições na FBF

3/2/1965: Valter Passos é eleito ‘novo’ presidente da FBF (ele já havia sido em 1961)

9/2/1965: Vitória luta para sair da crise; Bahia joga contra o Galícia pelo campeonato Baiano, mas jogo é “esquecido”;

10/2/1965: porém, a Taça Lomanto Jr. é noticiada normalmente, enquanto o novo presidente da FBF ainda tenta revogar a intervenção no Vitória

14/2/1965: CND solicita que atividades do futebol baiano sejam paralisadas, mas FBF mantém programação

15/2/1965: dois jogadores do Vitória morrem em acidente de carro; rodada da taça Lomanto Jr acontece, com cobertura dos jornais

25/2/1965: Valter Passos promete pôr fim à crise

5/3/1965: Valter Passos anuncia retorno do campeonato, que estava parado e anuncia fim do torneio Lomanto Jr

6/3/1965: Vitória continua em crise e é ameaçado de ser afastado da FBF

13/3/1965: Vitória é oficialmente afastado do campeonato de 1964

17/3/1965: promessa de reinício do campeonato sem o Vitória

25/3/1965: João Alfredo Soares Quadros, diretor da Departamento de Educação Física e Esportes da Bahia (DEFEBA) é nomeado para regularizar situação do Vitória

27/3/1965: com João Alfredo no comando, Vitória jogaria dia 4/4/1965 contra o Fluminense-BA

2/4/1965: FBF paralisa atividades e pede ajuda ao governador

3/4/1965: domingo sem futebol na Bahia e a crise, que aparentemente passaria, retorna forte

6/4/1965: clubes vão ao Rio de Janeiro, no CND, em busca de solução para a crise

20/4/1965: após negociações, presidente da FBF Valter Passos retorna do Rio de Janeiro com possível solução

22/4/1965: Valter Passos expõe soluções para a crise para presidentes dos clubes

24/4/1965 (sábado): reunião entre clubes, FBF e ABCD não resulta em soluções; possível solução para segunda

26/4/1965: de acordo com o jornal Estado da Bahia, pertencente ao Diário de Associados, as ações do Gen. Eloy Menezes, que pareciam acabar com a crise, desagradaram a imprensa, que iniciou o boicote. O ato só seria interrompido em novembro de 1966

6/5/1965: com o campeonato paralisado, clubes realizavam amistosos e eram noticiados; enquanto isso, o Vitória não era encontrado em nenhuma linha nos jornais desde janeiro

17/5/1965: dia de final do campeonato baiano sem nenhuma linha dos principais jornais

24/5/1965: 2º Ba-Vi do baiano de 64, sem nenhuma notícia

28/5/1965: 3º jogo da final do baiano de 64, sem nenhuma cobertura dos jornais

31/5/1965: Vitória é campeão no domingo, 30, mas jornais ignoram fato na edição do dia seguinte

A partir de maio, foi interrompida de vez a cobertura dos jornais em competições da FBF (amistosos entre clubes da cidade eram noticiados). O boicote permaneceu até novembro de 1966, quando Ney Ferreira e aliados foram depostos, como explica o Esporte Jornal, em sua capa do dia 20 de novembro de 1966.

19/7/1965: é fundado o Esporte Jornal, por Luiz Eugênio. Semanal consegue “salvar”

parte da história, como a primeira participação do Vitória na Taça Brasil. Mas, os quatro jogos entre Bahia e Vitória que valeram como decisão do Campeonato Baiano de 1964 seguem sem registro.

20/11/1966: quase dois anos depois do início do silenciamento, Ney Ferreira, presidente do Vitória e Degrimaldo Miranda, presidente da FBF são depostos dos cargos e futebol baiano volta a ser noticiado normalmente nos jornais.